

Sonhos e símbolos na análise psicodramática

Glossário de símbolos

2ª edição revista

VICTOR R. C. S. DIAS



SONHOS E SÍMBOLOS NA ANÁLISE PSICODRAMÁTICA
Glossário de símbolos
Copyright © 2002, 2014 by Victor R. C. S. Dias
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Editora assistente: **Salete Del Guerra**
Capa: **Buono Disegno**
Imagem de capa: **Aodaodaoad; Rayjunk; Skreidzeleu; Kao; Piotr Latacha; Jack.Q; Yaromir; Laborant; Claudia Carlsen/Shutterstock**
Projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**

Editora Ágora

Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7ª andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
Fax: (11) 3872-7476
<http://www.editoraagora.com.br>
e-mail: agora@editoraagora.com.br

Atendimento ao consumidor
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
Fax: (11) 3872-7476
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

1	O MÉTODO DA DECODIFICAÇÃO DOS SONHOS NA ANÁLISE PSICODRAMÁTICA.....	7
2	OS SÍMBOLOS NA ANÁLISE PSICODRAMÁTICA	17
3	A ORIGEM DO MATERIAL ONÍRICO E SEUS PRINCIPAIS INTÉRPRETES.....	25
4	A SISTEMATIZAÇÃO DOS SONHOS NA ANÁLISE PSICODRAMÁTICA.....	45
5	O AQUECIMENTO E OS MECANISMOS DE DEFESA NA PSICOTERAPIA POR SONHOS.....	91
6	SIGNOS E SÍMBOLOS.....	99

1 O método da decodificação dos sonhos na análise psicodramática

DESDE 1995, VENHO TRABALHANDO COM OS SONHOS NO PROCESSO de psicoterapia. Essa abordagem, que nomeei *método de decodificação dos sonhos*, tem dado bons resultados clínicos.

Baseada no referencial teórico da análise psicodramática, essa forma de trabalhar com os sonhos difere das outras que tratam do mesmo fenômeno, evitando uma série de riscos que o terapeuta normalmente corre ao utilizar as técnicas interpretativas propostas por Freud, Jung e outros, assim como ao empregar as técnicas que contam com forte colaboração do Eu consciente do sonhador, como no trabalho de Moreno.

A ideia que me levou ao desenvolvimento desse método partiu da observação clínica de comentários a respeito do sonho sem muita ênfase na interpretação da simbologia contida nele. Dessa forma, o cliente voltava a sonhar e os elementos contidos no sonho se repetiam, o que os tornava cada vez mais claros e fáceis de entender. Percebi, portanto, a possibilidade do próprio psiquismo poder dar as respostas e decodificar seu material simbólico.

Diante desse modo de compreender o sonho e o ato de sonhar passei a desenvolver o método da decodificação com o objetivo de acelerar o processo de sonhar e de repetir os elementos do sonho, na tentativa de clarear sua mensagem simbólica.

Na análise psicodramática, entendemos o sonho como *uma mensagem que o psiquismo manda para ele mesmo*. Assim, sempre acabamos deparando com a seguinte pergunta: *se o sonho é uma mensagem que o psiquismo manda para ele mesmo, por que*

várias vezes o sonho é de tal maneira codificado que se *torna incompreensível para o próprio indivíduo?*

A resposta que encontramos é que *o sonho codificado (simbólico) é uma mensagem composta de material excluído, oriundo tanto da primeira quanto da segunda zona de exclusão, que não pode ter acesso livre e direto ao Eu consciente do indivíduo.*

Assim, o sonho codificado pode se tornar consciente graças ao fato de ter uma parte dele na forma simbólica e, portanto, não é integrado.

O sonho simbólico é utilizado pelo psiquismo como forma de acessar a parte possível do material excluído e trazê-la para o consciente enquanto torna simbólica a parte que não pode ser ainda admitida pelo Eu consciente.

Concluimos que *a mensagem sonhada de forma simbólica é uma tentativa de o psiquismo do próprio indivíduo trazer para o consciente o material da zona de exclusão, configurando, assim, a premissa de que o sonho é uma tentativa de autocura do psiquismo por ele mesmo.*

Para facilitar a compreensão deste trabalho, é importante dizer que denomino sonhos codificados aqueles em que alguns elementos são constituídos de símbolos. Símbolos são todos os signos que podem aparecer no sonho, sejam eles icônicos, indiciais, emblemáticos, alegorias, atributos, metáforas, analogias e os próprios símbolos. Dessa forma, passarei a tratar como símbolos, sem distinção de tipos, todo material codificado contido no sonho. Podemos delimitar nosso universo de trabalho, portanto, como o conjunto de sonhos codificados que, dentro da análise psicodramática, é composto dos sonhos de primeira e segunda zonas de exclusão e alguns sonhos de reparação.

Retomando o assunto sobre as zonas de exclusão, já mencionado, convém lembrar que o desenvolvimento psicológico, na análise psicodramática, é dividido em duas fases: a cenestésica e a psicológica.

A fase cenestésica é constituída das vivências intraútero e dos dois primeiros anos de vida do bebê. As vivências cenestésicas (registro de sensações cenestésicas) são resultantes da interação entre o desenvolvimento físico e psíquico da criança e o meio ambiente que a cerca. O desenvolvimento físico e psíquico é determinado geneticamente e acontece de acordo com um protocolo que resulta da seleção natural do ser humano. O meio ambiente que o cerca será determinado, nessa fase, por climas afetivos incorporados e fixados em cada fase do desenvolvimento cenestésico. Tais climas serão catalogados em climas afetivos facilitadores ou climas afetivos inibidores conforme favoreçam ou dificultem o desenvolvimento psicológico desse indivíduo.

Em um desenvolvimento psicológico normal, em que os climas afetivos incorporados foram predominantemente facilitadores (aceitação, proteção e continência), o psiquismo caótico e indiferenciado (PCI) foi todo transformado em psiquismo organizado e diferenciado (POD). As áreas psicológicas – mente, corpo e ambiente – foram bem delimitadas e os modelos psicológicos – ingeridor, defecador e urinador –, bem estruturados.

Em um desenvolvimento psicológico patológico, em que os climas afetivos incorporados foram predominantemente inibidores (indiferença, hostilidade, abandono, rejeição, medo, sofrimento, ansiedade, opressão, punição e repressão), o psiquismo caótico e indiferenciado (PCI) não foi transformado em POD por completo. As áreas psicológicas – mente, corpo e ambiente – não ficaram bem delimitadas e os modelos psicológicos – ingeridor, defecador e urinador – ficaram incompletos e misturados com os climas inibidores, prejudicando o seu funcionamento.

O resultado disso é a permanência de cotas (bolsões) de psiquismo caótico e indiferenciado convivendo com o restante do psiquismo convertido em psiquismo organizado e indiferenciado. Esses bolsões recebem o nome de zonas de PCI. No final do desenvolvimento cenestésico (2 a 2 anos e meio), essas zonas de

PCI são tamponadas pelos vínculos compensatórios e se transformam na primeira zona de exclusão.

As vivências registradas na zona de exclusão ficam como que “congeladas” no tempo e não evoluem com o resto do desenvolvimento psicológico. Mantêm-se registradas da mesma forma como foram sentidas e incorporadas pelo bebê, desde o intraútero até os 2 anos de idade.

Os climas inibidores, portanto, são vivenciados como sensação de ameaça vital, de “sem saída” e de intenso desamparo.

A sensação de falta estrutural (o desenvolvimento que deveria ter acontecido e não aconteceu) é vivenciada como uma sensação de intenso desencanto. A tensão crônica bloqueada é vivenciada como intensa ansiedade de expectativa.

Todas essas vivências serão liberadas apenas por ocasião do rompimento ou do desmonte dos vínculos compensatórios (vínculos de dependência).

A fase psicológica do desenvolvimento inicia-se por volta dos 2 e 2 anos e meio, com o advento do ego, e se completa parcialmente perto dos 17 ou 18 anos, com a finalização da formação da identidade sexual. Essa fase continua em desenvolvimento por toda a vida do indivíduo, porém de forma mais moderada. Ela é responsável pela formação do conceito de identidade do indivíduo. Tal conceito reúne o conjunto de crenças do indivíduo, constituindo seu “chão psicológico” e as referências nas quais ele se apoia.

O que compõe o conceito de identidade são as vivências do indivíduo e seus conceitos aliados às vivências e aos conceitos que vieram do mundo externo (modelos incorporados e conceitos morais adquiridos, chamados de figuras de mundo interno – FMI) e se incorporaram tornando-se parte de seu próprio Eu.

Durante a formação do conceito de identidade, uma série de vivências do indivíduo (sentimentos, pensamentos, percepções e intenções) se choca de maneira frontal com as FMIs e é excluída do conceito de identidade, formando a segunda zona de exclusão. Ficam tamponadas pelas defesas intrapsíquicas.

Assim, as vivências cenestésicas contidas na primeira zona de exclusão e as vivências psicológicas da segunda zona de exclusão não encontram livre acesso às esferas do Eu consciente do indivíduo, embora façam parte da sua identidade.

O objetivo do processo psicoterápico é resgatar e integrar, dentro do Eu consciente, todo material excluído, seja ele de primeira ou de segunda zona de exclusão.

Os sonhos codificados trazem, na sua mensagem e no seu enredo, o material excluído de forma disfarçada (simbólico) a fim de ter livre acesso ao Eu consciente. Ao atingir o Eu consciente de forma codificada, o sonhador entra em contato com essas vivências excluídas sem ter a consciência do que elas realmente representam. É um modo de “ficar sabendo”, sem, contudo, “ficar sabendo”. Esse “ficar sabendo” não pode ser oficializado pelo Eu consciente.

O sonho codificado passa a ser uma forma que o psiquismo utiliza para trazer, mesmo que simbolicamente, o material excluído para a esfera do Eu consciente, o que pode ser entendido como uma tentativa de autorresolução do próprio psiquismo.

Nesse entendimento, ao ter um sonho codificado, o cliente é submetido a um tratamento pelo seu próprio psiquismo e também traz para o terapeuta, de forma simbólica, o material a ser resgatado na psicoterapia. Assim, qualquer tentativa de o terapeuta acelerar esse processo pode ser encarada como um procedimento terapêutico.

O MÉTODO DA DECODIFICAÇÃO DOS SONHOS

O MÉTODO DA DECODIFICAÇÃO dos sonhos na análise psicodramática trabalha com os sonhos a fim de acelerar o processo já iniciado pelo próprio sonho, de mobilizar, conscientizar e integrar o material excluído no Eu consciente do sonhador. O método, que faz parte do conceito da psicoterapia na zona de exclusão, explicado no livro *Sonhos e psicodrama interno* (Ágora, 1996), consiste em

trabalhar o material excluído dentro da própria zona de exclusão, sem a preocupação de torná-lo consciente, evitando, assim, a mobilização dos mecanismos de defesa do próprio psiquismo.

Lembremos que os sonhos codificados (simbólicos) apresentam uma *parte latente* e uma *parte manifesta*, sendo a primeira representada pelos símbolos e por todo material codificado, e a segunda, pela relação entre os elementos e pelo enredo do sonho, não codificado.

Por exemplo, Flávia traz o seguinte: “Sonho que estou sendo perseguida por um grande macaco peludo e acordo apavorada”. O conteúdo latente desse sonho é “um grande macaco peludo”. A parte manifesta é “estar sendo perseguida” e “acordar apavorada”.

Sabemos que o psiquismo está tentando enviar para o Eu consciente da sonhadora uma mensagem da zona de exclusão que, por não poder ser admitida claramente, surge de forma simbólica. Assim, não faz nenhum sentido perguntar à sonhadora o que é ou o que significa esse grande macaco peludo! Se ela soubesse, esse material não precisaria vir de forma simbólica.

É muito arriscado o terapeuta tentar interpretar o que significaria esse grande macaco peludo. Para interpretar essa simbologia, ele vai ter de tomar como referência a psicodinâmica da cliente ou então recorrer às referências teóricas da escola com que trabalha. De qualquer modo, há um risco em *rotular o sonho* em vez de interpretá-lo. Quem sabe o que essa parte latente significa, certamente, é a *zona de exclusão* da sonhadora, portanto devemos perguntar a ela.

O método da decodificação dos sonhos na análise psicodramática tem duas fases:

- FASE 1** Formação de uma interface entre a decodificação do terapeuta e a zona de exclusão do sonhador no tocante ao material latente.
- Fase 2** Pesquisa com o Eu consciente do sonhador sobre o conteúdo manifesto do sonho.